

IDENTIFICAÇÃO E DIFERENÇA: A REFLEXÃO NA CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA

Profa. Dra. Iris Helena Guedes de Vasconcelos¹ (UFCG)

Resumo

As constantes mudanças que caracterizam a sociedade moderna resultam de seu caráter reflexivo diante das divisões e antagonismos sociais, dando origem às contradições da formação de identidades, constituídas na relação entre o “eu” e o “outro” em suas várias representações simbólicas. Tais contradições estão presentes nas manifestações literárias que mimetizam o caráter reflexivo da modernidade. O objetivo deste trabalho, portanto, é discutir algumas questões apresentadas na obra de Doris Lessing, *Debaixo de minha pele*: primeiro volume de minha autobiografia, até 1949, observando as identificações e as diferenças na relação entre o “eu” e o “outro”, destacando aspectos socioculturais que envolvem questões de gênero, classe social e raça/etnia. Na análise da referida obra, verifica-se uma narrativa construída a partir de reflexões sobre o processo de criação literária, o processo seletivo da memória e mudanças de perspectivas de visão de mundo em diferentes fases da vida.

Palavras-chave: narrativa, identidade, memória.

1 Introdução

Inserida em um gênero narrativo que resgatou seu valor literário a partir dos estudos em torno do questionamento da literatura canônica, a obra de Doris Lessing *Debaixo da minha pele*: primeiro volume de minha autobiografia, até 1949, publicada originalmente, em 1994, sob o título *Under my skin: volume one of my autobiography, to 1949*, e traduzida no Brasil pela Companhia das Letras, em 1997, apresenta a narrativa da história de vida da referida escritora, que se situa em um contexto marcado pelas consequências da Primeira Guerra Mundial e pela vivência da condição de imigrante, na então colônia da Inglaterra, Rodésia do Sul, no Período da Segunda Guerra Mundial.

No primeiro volume de sua autobiografia, a escritora utiliza reflexões e conjecturas para narrar sua história de vida, inserida num mundo compartilhado com outras pessoas, sendo pensada, estruturada e organizada levando em consideração a possível consciência que essas pessoas têm dela, pois uma parte de sua vida é conhecida através do que os outros contaram, correspondendo principalmente aos fatos que ocorreram antes de seu nascimento e aos primeiros anos de vida. Ademais, na referida obra, herói(na) e narradora são intercambiáveis, pois ora ela está no centro da narrativa, ora este lugar é ocupado por pessoas e fatos que fizeram parte de sua vida. Tal procedimento corresponde ao que é postulado por Bakhtin (1997), em sua abordagem sobre o autor e o herói, em *Estética da criação verbal*, no que se refere à autobiografia e à biografia, em “O todo significativo do herói”.

A biografia se apresenta, portanto, como construção em busca de uma unidade, o que se pode associar ao conceito de identidade formulado por Stuart Hall (1998, p. 38) como “algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”, pois a identidade de cada pessoa é construída a partir da forma que se imagina que ela é vista pelos outros. Nesse sentido, segundo Hall (1998, p.39),

“Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a ‘identidade’ e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasioso da plenitude”.

Na representação de seu(s) eu(s) dividido(s), a escritora constrói sua narrativa a partir de reflexões sobre valores e conceitos que são mutáveis ao longo de sua história de vida. Essa prática mimetiza o caráter reflexivo da modernidade, diante das divisões e antagonismos sociais que dão origem às contradições da formação de identidade, constituída na relação “eu” e o “Outro”, em suas várias representações simbólicas.

Dessa forma, este texto procura discutir algumas questões apresentadas no primeiro volume da autobiografia de Doris Lessing, observando as identificações e as diferenças na relação estabelecida entre a narradora e os outros que compartilharam seu mundo, destacando aspectos socioculturais que envolvem questões de gênero, classe social e raça/etnia. Na análise da referida obra, verifica-se uma narrativa construída a partir de reflexões sobre o processo de criação literária, o processo seletivo da memória e mudanças de perspectivas de visão de mundo em diferentes fases da vida, assuntos que serão abordados no desenvolvimento deste texto.

2 Criação literária e processo seletivo da memória

Vencedora do Prêmio Nobel de Literatura em 2007, Doris Lessing é considerada uma das grandes escritoras contemporâneas de literatura de língua inglesa. A escritora sempre teve em vista o realismo social, aspecto que marca especialmente suas primeiras obras, as quais abordam temáticas relacionadas à questão de identidade, tratando do racismo e da estratificação social, principalmente no que se referem ao contexto sociocultural da África e da Inglaterra, países intimamente relacionados com suas origens. Estas temáticas estão presentes em obras como *Children of Violence* (1952 – 69) e *The Golden Notebook* (1962). Lessing procura minimizar a influência do feminismo no seu fazer literário, apresentando uma crítica pós-moderna com a representação de mulheres divididas entre o exercício da profissão, a manutenção do lar e a dedicação materna, relacionando a opressão das mulheres à luta de classe. (SHOWALTER, 2009) Nesse sentido, um dos aspectos mais relevantes apresentados na literatura de Doris Lessing é o questionamento da universalização da categoria gênero, dando ênfase à concepção de múltiplas identidades e da pluralidade que constitui o universo feminino com suas histórias particulares. (VASCONCELOS, 2012)

De acordo com sua trajetória de vida, Doris Lessing teve contato com diferentes culturas e nacionalidades que, de alguma forma, contribuiu com o processo de formação de sua identidade cultural e da construção de sua subjetividade. Filha de pais ingleses, unidos em circunstâncias adversas por conta da Primeira Guerra Mundial, Doris Lessing (1919 –) nasceu em Kermanshah (antiga Pérsia), onde viveu a primeira fase de sua infância, e morou na Rodésia do Sul até 1949, data limite do primeiro volume de sua autobiografia. Passou por Moscou ao atravessar a Rússia, para chegar à Inglaterra, quando sua mãe decidiu voltar ao país de origem. Na ocasião, 1924, a Exposição do Império divulgava informações sobre a África, as quais estimularam o sonho de seus pais de ficarem ricos, plantando milho na Rodésia do Sul. A família partiu num navio alemão, levando, além dos dois filhos (Doris e seu irmão Harry), uma jovem irlandesa que seria a governanta. Quando deixou a África pela Inglaterra em 1949, já havia casado duas vezes, além de passar por experiências amorosas, tinha três filhos (dois do primeiro casamento: John e Jean; e um do segundo: Peter) e adotado do segundo casamento (com o alemão refugiado, dois anos mais

velho, Gottfried Anton Nicolai Lessing) o nome Lessing. Na Inglaterra, teve uma breve experiência no Partido Comunista, divorciou-se e consolidou sua carreira literária. (GILBERT; GUBAR, 1996)

A perspectiva realista da escritora é reafirmada no primeiro volume de sua autobiografia, através de inúmeras citações que faz de seus romances e contos, indicando fatos, acontecimentos e pessoas que inspiraram suas obras. Em *Debaixo de minha pele*, são recorrentes as citações de obras como *Canções da relva* (*The Grass is Sing*, 1949-1950), *O Sonho Marta Quest* (*Martha Quest*, 1952), *Filhos da violência* (*Children of Violence*, 1952 – 1969), livro que considera o mais diretamente autobiográfico, *Um casamento sem amor* (*A Proper Marriage*, 1954), *O eco distante da tormenta* (*A Ripple from the Storm*, 1958) e *Memórias de um sobrevivente* (*Memoirs of a Survivor*, 1974).

No espaço entre realidade e ficção, Doris Lessing questiona a veracidade dos fatos, ponderando os interditos de sua história de vida, iniciando o segundo capítulo de sua autobiografia com a seguinte reflexão:

IMPOSSÍVEL SENTAR PARA ESCREVER sobre si sem sofrer o assédio de questões retóricas da mais tediosa natureza. Nossa velha amiga, a Verdade, é a primeira. A verdade... quanto contar, quanto ocultar? Esse, por consenso, parece ser o primeiro problema do autocronista e, de uma forma ou de outra, nos aguarda o opróbrio (Lessing, 1997, p. 20).

Para Lessing (1997, p. 20), “Contar a verdade a respeito de si é uma coisa, se você puder, mas e quanto aos outros?” No segundo caso, ela disse ter sido necessário deixar de fora ou mudar alguma coisa, para não magoar os que ainda estão vivos, havendo assim bloqueios de consciência. Dessa forma, a escritora aponta a relativização da verdade no ato de registrar suas memórias, estreitando as fronteiras entre o real e o imaginário.

Nesse sentido, observa-se o distanciamento entre narradora e heroína, marcado pela diferença da experiência subjetiva do tempo. As experiências narradas foram vivenciadas por um eu em diferentes estágios da vida, enquanto a narradora vivencia um estágio mais elevado de sua vida adulta.

O motivo principal, a verdadeira razão de uma autobiografia ser necessariamente inverídica é a experiência subjetiva que temos do tempo. (...) não há maneira de transmitir, com palavras, a diferença entre o tempo de uma criança e o tempo de um adulto – e os diferentes ritmos do tempo nos vários estágios da vida adulta. Um ano antes dos trinta é um ano muito diferente do ano de um sexagenário. (LESSING, 1997, p. 122)

Ainda avaliando a veracidade dos fatos em seu processo de construção literária, Doris Lessing comenta: “Quantas e quantas vezes na vida já não me arrependi por ter adoçado ou mudado a verdade por um motivo ou outro, para satisfazer pressões externas ou facilitar as coisas?” (Idem, p. 177). E, questionando o processo seletivo da memória, Lessing faz a seguinte reflexão:

Assim que você começa a escrever, a pergunta se interpõe, insistente: Por que motivo você se lembra mais dos detalhes de uma determinada semana, de um mês transcorrido há muitos anos e, depois, negrume total, vazio? *Como sabe que aquilo de que se lembra é mis importante do que aquilo do que não se lembra?* (Idem, p. 23). (Ênfase da escritora)

Mais adiante, a narradora comenta que há uma diferença entre o que lhe contaram e as coisas de que ela se lembra. E do pior momento de todos não tem recordação nenhuma. E que suas

lembranças são paralelas, como um filme cortado que é interrompido e, depois, recomeça. Nesse processo, narra histórias contadas e histórias lembradas.

3 Histórias contadas e histórias lembradas

Ao considerar que, em uma autobiografia, a história de vida narrada está inserida num mundo compartilhado com outras histórias de vida e que nem sempre o narrador é o herói de sua vida, pois há momentos em que outras personagens que constituíram essa história de vida assumem papel preponderante, Bakhtin (1997, p.168) afirma:

Se estou narrando minha vida cujo herói são os outros para mim, encaixo-me pouco a pouco na estrutura formal da vida (não sou o herói da minha vida, apenas tomo parte dela) e alcanço o estatuto de herói, anexando-me à minha narrativa; as formas pelas quais percebo os valores dos outros se transferem para mim quando sou solidário com os outros.

Os outros heróis que participaram da reconstituição da vida de Doris Lessing e do mundo que a rodeia são os outros cujos valores se transferem para a narradora quando esta é solidária com eles. Em geral, seus heróis não são pessoas constituídas de autoridade ou poder, podendo oscilar de condição, de acordo com a mudança de perspectiva da narrativa, ou seja, do papel que desempenha, sobretudo nas relações que envolvem a “complexa estrutura política piramidal de dominação e hierarquização, estrutura estratificada por gênero, raça, classe, religião e outras formas de dominação de uma parte sobre outra”, a qual representa o sistema patriarcal (BOFF, 2002, p. 55). Essa concepção pode ser associada à teoria pós-colonial que estabelece uma relação de alteridade entre colonizado e colonizador. Segundo Bonnici (2000, p. 133),

Na teoria pós-colonial o Outro é o centro imperial, o discurso imperial, a metrópole. O Outro proporciona os termos através dos quais o sujeito colonizado fabrica sua identidade dependente. O outro é também o aparato ideológico através do qual o colonizado começa a se ver e a ver o mundo ao redor dele.

A teoria pós-colonial baseia-se nas teorias freudiana e lacaniana da subjetividade. Assim, segundo Bonnici (2000, p.133), o “Outro” é a incorporação de pessoas constituídas em autoridade, o ser dominante, socialmente valorizado. Já a noção de “outro” implica os outros colonizados marginalizados pelo discurso imperial, o ser diferente, com o qual a narradora parece se identificar.

Apresentando uma visão sociológica, Lessing traz, para sua narrativa, reflexões sobre questões psicológicas que são determinantes das tensões nas relações humanas, apresentando um estreito vínculo entre criação literária e experiência de vida. A seguinte citação ilustra a imagem do mundo que constituiu o cenário de seu nascimento e a reflexão sobre a importância da Primeira Guerra Mundial em sua vida.

E ali eu nasci [Kermanshah] no dia 22 de outubro de 1919. Minha mãe teve um parto difícil. Eu fui tirada com fórceps. Meu rosto ficou com marcas roxas durante dias e dias. Se eu acredito que esse nascimento difícil me deixou marcas – vale dizer, em minha natureza? Quem é que sabe? O que eu sei é que ter nascido no ano de 1919, quando metade da Europa era um cemitério e as pessoas morriam aos milhões, pelo mundo todo – isso foi importante. Como poderia não ser? A menos que você acredite que o espírito de cada pequeno ser humano é totalmente separado

dos outros, isolado da alma coletiva. Uma coisa pouco provável, com certeza. (LESSING, 1994, p. 17)

Reafirmando essa constatação, Lessing comenta que as primeiras palavras que ouvira foram provavelmente sobre a guerra e que as lembranças de seu pai da guerra falavam de soldados traídos, imbecilidades maldosas, corrupção do governo, tão somente expectativas e fé traídas. Nesse sentido, a alma coletiva citada pela narradora pode ser associada às influências que o indivíduo sofre na construção de sua subjetividade e de sua visão de mundo, numa íntima relação entre o ser individual e o ser social. Segundo Bakhtin (1995), a consciência individual deve ser explicada a partir do meio ideológico e social. Dessa forma, a consciência da escritora seria resultado de uma interação social.

Essa interação social pode ser observada na interpretação da narradora, ao avaliar as palavras de sua mãe que servem de introdução à narrativa: “ELA ERA MUITO BONITA, mas só queria saber de cavalos e bailes.” Este seria o refrão utilizado por Emily Maude McVeagh para pontuar suas histórias da infância. Para Lessing, aquela não poderia ser uma frase de sua mãe, uma vez que Emily McVeagh, sua avó, morreu aos 32 anos de idade, depois de dar à luz seu terceiro filho, quando Maude estava com três anos. Na visão de Lessing, as palavras citadas são as do outro, que, por sua vez, assimilou uma mentalidade da ideologia dominante.

Ela nunca usou nenhuma outra frase a não ser essa e não podia ser uma frase sua, já que não se lembra da mãe. Não, isso era o que ouvira dos criados, porque inconscientemente assumia os mesmos ares deles, sempre com um trejeito de censura na boca e uma fungada de desaprovação. (LESSING, 1997, p.9)

O discurso da narradora se desenvolve a partir de uma percepção que envolve impressões tanto auditivas quanto visuais, levando à reflexão sobre o processo de construção da subjetividade e suas contradições em torno de valores e forças sociais que interagem. A história de vida de Emily McVeagh tinha um clima de romance vitoriano, no qual a protagonista transgredia as regras sociais de sua época. Conforme os valores socialmente instituídos, a mulher deveria ser complacente e agir de acordo com os interesses e bem estar da família. Para tanto, recebia o título de “rainha do lar”, ou “anjo do lar”, conforme a crítica de Virginia Woolf, em *A room of one's own*.

Enquanto Emily representava o revés do modelo vitoriano, a enfermeira McVeagh tornou-se seu contraponto, rejeitando inclusive o prenome Emily que a identificava com a mãe. Desenvolveu um esnobismo de classe média, inspirado nos ideais do pai, John William McVeagh. Maude McVeagh passou a infância e a adolescência fazendo tudo bem feito, realizando todas as atividades que se esperava de uma moça bem instruída. Mas decepcionou o pai, quando decidiu ser enfermeira, tendo que viver de um baixo salário. Foi durante a primeira Grande Guerra que conheceu o marido, o qual estava gravemente ferido, com uma perna amputada e sofrendo do que então chamavam de neurose de guerra, enquanto ela tinha o coração espedaçado por conta do afogamento, num bombardeio, do médico por quem era apaixonada.

Alfred Cook Tayler, pai da narradora, por sua vez, guardava tristes lembranças da infância, pois apanhava dos pais e detestava os domingos porque não gostava dos cultos e das aulas de catecismo. Seu grande prazer era brincar nos campos. Adorava trabalhar a terra, mas, assim que saiu da escola, foi trabalhar num banco. Gostava de esportes, andava a cavalo e dançava. Ao contrário do rigor e austeridade vivenciados por Maude McVeagh, ele teve uma juventude cheia de amizades emotivas e literárias.

Se a mãe de Lessing herdou o esnobismo do pai, chegando a querer imitar o estilo de vida inglês, no ambiente rústico em que morava na África, o pai teria herdado o jeito de ser de Alfred

Tayler (avó da narradora), um homem sonhador e sem ambições, chegando a frustrar a esposa, Caroline May Batley, da mesma forma que o filho frustrara a esposa com a simplicidade do jovem de infância rural.

Durante anos de sua vida, Lessing criticou a mãe, com veemência, fato que está intimamente relacionado à preferência da narradora, contrária ao poder, à sua ligação a pessoas contra o governo, no sentido de negar toda forma de autoridade. Assim, a imagem da mãe está sempre associada ao indivíduo constituído de autoridade devido à identificação dela com os valores do Império. E, apesar de ter ciência da falta de amor vivenciada pela mãe na infância, não compreende a falta de delicadeza e impaciência recorrente em suas lembranças:

Uma criança deveria ser governada pelo amor, como disse minha mãe tantas vezes, explicando-nos seus métodos. Ela não conhecera o amor quando criança e estava providenciando para que nós não fôssemos igualmente privados dele. O problema é que amor é uma palavra que precisa ser preenchida com a experiência do amor. Minhas lembranças são de mãos brutas, de braços impacientes e de sua voz me dizendo, um sem número de vezes, que não queria uma menina, queria um menino. Eu soube desde o começo, que ela amava meu irmãozinho incondicionalmente, e que não me amava (LESSING, 1997, p.34).

A ternura da mãe se manifestava em forma de preocupação e nervosismo, sem expressões emotivas, e, sendo a filha ultrassensível, sempre observava e julgava as coisas. E assim, desde cedo, colocou-se obstinadamente contra ela, tentando fugir de tudo o que representava. Para Lessing, a preocupação exagerada da mãe ganhava forma dramática. Fora uma boa mãe, renunciando à vida profissional, mas não perdia a oportunidade de falar do calvário que era ter que cuidar de duas crianças que lhe deixavam abatida, esgotada, enquanto todos seus talentos estavam definhando, inexplorados.

Lessing identificava-se muito mais com o pai, que preferia o ambiente simples, sem levar muito em consideração o desejo da mulher de conviver com pessoas de posição social elevada. As festas da missão diplomática era o lugar que ela considerava seu; em sua opinião, as pessoas que ali se encontravam eram pessoas de bem, seus pares. O pai, ao contrário, não escolhia suas amizades pelo grau de decência e posição social. Tudo isso fazia parte do esnobismo de Maude McVeagh, que logo assimilou o tom ardido e exasperado das patroas brancas. E, apesar de ter herdado a inteligência e o talento da mãe, tanto nos exames escolares como na música, não suportava ter que escutar: “Você é exatamente como eu” (LESSING, 1997, p. 165).

Mostrando sempre muita simpatia pelo povo colonizado, principalmente pelos negros, a narradora lembra-se do terror que sentia da sra. Mitchell e de seu filho, atribuindo esse sentimento ao tratamento que eles davam aos criados negros. Recordava-se da voz irada e desagradável daquela mulher e seus vitupérios arditos de quem odeia os negros, e da perversidade do garoto, que usava o bodoque para atirar pedra nos pés descalços de qualquer negro que chegasse perto dele. Mais adiante, comenta que nunca vira um pé de negro calçado.

4 Contradições e tensões da vida

Uma das reflexões mais significativas que desvelam as contradições da vida de Doris Lessing diz respeito ao conflito interior vivenciado no momento em que ela decidiu deixar os dois

filhos ainda muito pequenos. Para narrar tal situação, Lessing diz ser um enigma o fato de, na infância, ter tido verdadeira adoração por criança e então ter que agir daquela forma:

E agora um enigma. Durante praticamente toda a infância eu tive adoração por criança. Esperava que acontecesse a mesma coisa quando John nasceu, ele que, por algum motivo, precisou se desvencilhar de tudo quanto é carinho, não só dos meus. Jean teria passado, satisfeita da vida, todos os seus momentos num joelho ou num colo amoroso. Mas eu havia desligado esse lado. O que não significa que ela não tenha sido embalada e amada, mas de mim – não teve o bastante. (“Mamãe, vem ficar abraçada comigo.”) essa pessoa, esse meu lado que amava bebês e crianças de colo, renasceria mais tarde. Na época eu estava me protegendo porque sabia que iria embora. Entretanto eu não sabia, não podia dizer Eu vou cometer o imperdoável e abandonar duas crianças pequenas. (LESSING, 1997, p.283)

Entretanto acreditava que estivesse agindo por uma boa causa. Naquele momento, tornar o mundo comunista era a grande utopia: “Não haveria mais preconceito racial, opressão às mulheres, exploração do trabalho – não haveria mais esnobismo nem desprezo pelos outros.” (Idem, p.304). Pois, “Era ponto pacífico que quando as classes trabalhadoras – ou os negros ou qualquer outro grupo em desvantagem – tomassem o poder seriam inspiradas somente pelos ideais mais puros e desinteressados” (Idem, p.306).

Porém, logo em seguida, apresenta um relato da trágica desilusão comunista:

As figuras trágicas foram aqueles moços e moças pobres que encontraram no comunismo uma esperança, uma forma de vida, uma família, uma universidade – um futuro. Alguns saíram de famílias pobres da zona Leste de Londres e entraram para a liga dos Jovens Comunistas. Para eles o comunismo era tudo e quando perderam a fé viram-se privados de tudo o que havia de melhor na vida. Alguns morreram. Alguns tiveram sérios problemas nervosos. Nunca mais – realmente – foram os mesmos (Idem, p.308).

E um de seus maiores desapontamentos diz respeito ao Partido Trabalhista:

Assim como os sindicatos brancos bloquearam, durante décadas, o avanço dos negros, dizendo que eles só poderiam entrar para os sindicatos oficiais quando ganhassem os mesmos salários – porém os brancos ganhavam trinta vezes mais que os negros e continuariam ganhando, já que ‘preservar a civilização branca’ significava manter uma enorme brecha entre até mesmo os brancos mais mal pagos e os negros mais bem-pagos – da mesma forma o Partido Trabalhista rejeitava a ideia de uma divisão sindical africana porque não seria democrático. (Idem, p.332)

Suas contradições entrelaçam questões sócio-políticas e existenciais. Nesse sentido, apesar de considerar seu primeiro marido Frank Wisdom, o marido adequado possível na colônia, comenta o quanto se sentiu sozinha e desamparada quando, em seu primeiro e longo parto, a única pessoa a lhe dar apoio foi a faxineira negra, que estava lavando o chão. Então questiona: “Quantas e quantas vezes, em memórias, romances, autobiografias, lemos o testemunho de brancos que receberam de um negro o calor humano, decente, normal, de que precisavam?” (Idem, p.238). Assim, sentindo-se infinitamente abandonada, ansiosa, ameaçada, jurava que jamais teria outro filho. Sentia seu corpo frouxo e ficava ansiosa para voltar à antiga forma, mas, ao mesmo tempo em que detestava seus seios enormes, sentia orgulho do leite. Já quanto ao nascimento de Peter, comenta:

Nenhuma mulher que tenha tido mais de um filho pode concordar com a tese de que o caráter é construído, e não inato. Quando você pega um bebê nos braços pela primeira vez, está segurando o que o ser humano é, sua verdadeira natureza, e seja

lá o que for que se faça com ele depois, aquela é a pedra fundamental, a base, o alicerce. Aquele bebê era diferente do valente e esperneante John, diferente da doce e confiante Jean, era uma criança sonolenta mas simpática e interessada. Consegui vê-lo bem mais do que os outros dois. Ele também viu bem mais do pai. Gottfried considerava bárbaro o costume colonial de se embebedar com a turma e ia me visitar com frequência, levando qualquer amigo que calhasse estar por perto (Idem, p.391).

Apesar de considerar seu casamento com Gottfried infeliz, sem amor, ele era gentil. Era um homem organizado que mantinha suas gavetas arrumadas, contendo cada tipo de peça distintamente separado – meias, cuecas, camisas e ternos impecavelmente pendurados no guarda-roupa –; ela, ao contrário do que se poderia esperar da educação que recebera da enfermeira McVeagh, era uma mulher desorganizada – suas gavetas estavam sempre abertas, de onde espirravam meias, sutiãs, calcinhas, malhas, uma salada de cores, e no guarda-roupa: vestidos e calças compridas entulhadas. A relação entre eles quebrava todas as convenções de um casamento tradicional, que teve fim com um divórcio amigável em que ela ficara com a guarda do filho.

Considerações Finais

A história de vida de Doris Lessing, apresentada no primeiro volume de sua autobiografia, conforme o título sugere, *Debaixo da minha pele (Under my skin)*, configura-se num processo de reconstrução de identidade, marcado por eventos que transformaram a “menina esforçada e trabalhadeira, pronta para ceder, ansiosa para que gostassem dela”, de acordo com o que a narradora diz ver ao olhar em retrospecto, em uma mulher adulta, no alto de sua maturidade, que sabe manter o devido distanciamento para contemplar sua vida, conferindo à sua autobiografia valor literário, ao objetivar seu(s) eu(s) num plano artístico por meio da distinção consciente entre a pessoa que fala e a pessoa de quem se fala.

Ao pontuar identificações e diferenças na relação entre a narradora e os outros que compartilharam seu mundo, destacando aspectos socioculturais que envolvem questões de gênero, classe social e raça/etnia, observou-se a importância dos efeitos da Primeira Guerra Mundial em sua vida e da vivência na condição de imigrante, na então colônia da Inglaterra Rodésia do Sul, no Período da Segunda Guerra Mundial, marcada por um contexto que ressalta as condições adversas da relação entre mãe e filha, de sua afinidade com o universo dos desprovidos de autoridade, de seu engajamento no grupo revolucionário, enfim, da vivência de grandes contradições em sua vida, objeto de reflexão na construção de sua narrativa.

Dessa forma, na análise da obra, verificou-se uma narrativa construída a partir de reflexões sobre o processo de criação literária que dá ênfase ao processo seletivo da memória e às mudanças de perspectivas de visão de mundo em diferentes fases da vida, pois, conforme diria a escritora, é a maturidade que vai amaciando a pessoa até chegar a um sacudir de ombros e a um sorriso, e ver os eus que foi, anteriormente, como outra pessoa os veria. No caso do contexto narrado, a aspereza crua do período de guerra moveu os acontecimentos, justificando, assim, pensamentos e ideias que, depois, ela julgou inadequados.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Michel Lahud; Yara Frateschi; com colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik; Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 7. ed. São Paulo: HUCITEC, 1995.

BOFF, Leonardo. A construção histórico-social dos sexos: o gênero. In: MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. *Feminino e Masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002. p. 45-60.

BONNICI, Thomas. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: 2000.

GILBERT, Sandra M.; GUBAR, Susan. Doris Lessing. In: GILBERT, Sandra M.; GUBAR, Susan. *The Norton anthology literature by women: the traditions in English*. 2 ed. New York: W. W. Norton & Company, 1996. p. 1811-12.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

LESSING, Doris. *Debaixo de minha pele: primeiro volume de minha autobiografia, até 1949*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SHOWALTER, Elaine. Beyond the female aesthetic: contemporary women novelists. In: _____. *A literature of their own: from Charlotte Brontë to Doris Lessing*. London: Virago: 2009. p. 244-261.

VASCONCELOS, Iris H. G. de. Do romance à autobiografia: memória e construção de identidade. In: VIII Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades, 8, 2012, Campina Grande – PB. *Anais...* Campina Grande: Realize, 2012. 1CD-ROM.

ⁱ Iris Helena Guedes de VASCONCELOS, Profa. Dra. da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail ihguedes@yahoo.com.br